

O individualismo como barreira para um profissional da educação reflexivo-crítico

Edna Bernardo da Silva (PPGE/IE/UFMT) –

ednabernardo14@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho é uma síntese de reflexões feitas durante os estudos da disciplina Seminário Avançado II, do curso de pós-graduação em Educação *stricto sensu*, da Universidade Federal do Mato Grosso. O texto foi construído a partir das temáticas: Formação de professores e currículo, trabalho docente e saberes docente. Direcionamos nosso debate para pensar como o individualismo torna-se uma barreira para as ações crítico-reflexiva dos profissionais da educação. Chamou-nos a atenção a forma como essa postura do isolamento, rompe com as possibilidades da formação coletiva nas escolas. Como consequência isso traz para os professores uma responsabilidade que não é sua. Ancorado nas concepções de Zeichner o texto aborda a necessidade de contextualizar as reflexões de forma coletiva e como ponto principal levar em conta os aspectos sócios históricos, políticos, culturais e econômicos. Para que seja possível construir justiça social e uma educação de qualidade.

Palavras-chaves: formação, profissionais da educação, reflexão, individualismo.

1. Introdução

Quando tratamos do tema educação, a formação dos profissionais da educação básica é objeto que está sempre à baila, em especial, quando aparecem as reformas educacionais. Trata-se de uma atividade profissional complexa e que está permeada por muitos conceitos relacionados a sua natureza, isso faz desse assunto um campo heterogêneo de pensamentos e de interesses.

Pensando nisso não podemos refletir, debater ou pensar a educação de forma homogênea, é preciso levar em conta as correntes de pensamentos e acima de tudo os fatores socioeconômicos, políticos e culturais que permeiam a educação. Mesmo sabendo que todos os debates convergem para uma mesma temática, não podemos ser ingênuos em achar que todos querem a mesma coisa e que seguem em direção igual. Contreras (2002, p.135) tratando sobre reflexão, nos chama a atenção dizendo que os diferentes propósitos para a educação não significam pluralidade, ele enfatiza que vivemos numa sociedade estratificada, desigual e injusta e que vivemos contradições e contrariedades nesse campo. Para falarmos sobre a formação de professores, dos saberes e do trabalho docente é preciso

buscarmos suporte em pesquisas que já estudaram a realidade educacional, no Brasil e no mundo. Saber como esses assuntos se apresentam e como são feitas as reflexões acerca desse tema.

Para Diniz-Pereira (2015, p.144), “em nosso país e em vários outros países há uma tendência, de se responsabilizar e/ou de se culpabilizar os professores e as professora por todas as mazelas da educação escolar;”. Daí a intenção de muitos gestores das políticas públicas, achar que a única saída é investir única e exclusivamente, na formação docente. Ou seja, educação vai mal porque os professores estão mal preparados para o exercício da profissão. O autor enfatiza que “Pouco se fala da necessidade de melhoria das condições de trabalho, de melhores salários, de uma jornada menos exaustiva, da autonomia profissional, da quantidade de alunos por turmas e das condições da estrutura física dos prédios escolares [...]”. Fatores que também contribuem incisivamente para os resultados na educação, todo esse emaranhado de situações leva a profissão a cada a ter muitas dificuldades.

2. Pensando sobre os fatores que contribuem para o individualismo

A realidade educacional tem sofrido por diversos fatores que atingem a profissão docente, criando uma barreira para o desenvolvimento profissional do professor, Contreras (2002, p.138) fala que “os problemas estruturais da sociedade acabam sob a responsabilidade docente”, com isso o mesmo torna-se “culpado” pelo sucesso e na maioria dos casos pelo fracasso do ensino. Essa realidade contribui para na maioria dos casos esse profissional cair na individualidade, muitos profissionais da educação isolam-se, e isso é um prato cheio para seu fracasso. Nesse caso do isolamento, o princípio da reflexão pode ser usado para fins opostos. Portanto, é preciso melhorar a qualidade do trabalho coletivo, pois sabemos que não haverá autonomia profissional, sem a construção coletiva, somente ela permitirá a prática reflexiva. As cobranças e a sobrecarga de atividades para o professor, só o leva ao isolamento, dessa forma o mesmo acaba achando que é culpado de tudo e esforça-se para ter resultados dentro das quatro paredes de sua sala de aula.

Para alguns autores, o grande desafio é a formação de profissionais críticos e reflexivos, que se compreendam como construtores de um projeto de educação, com uma sociedade pautada na justiça social e que consigam superar essa

realidade vivida em muitos espaços escolares. Zeichner (apud GERALDI, MESSIAS, GUERRA, 1998, p. 243) diz “Eu tenho trabalhado para ajudar os professores a examinar os aspectos morais e éticos de sua prática e a tomar decisões no ensino com clareza de suas consequências sociais e políticas. ” Isso nos faz sentir esperançosos, quando pensamos em educação e a perspectiva de um mundo melhor. Além de Zeichner outros autores têm se dedicado a pensar uma educação mais humana e a formação de profissionais mais preparados para enfrentar a difícil realidade social, econômica e política que ora se apresenta em debates.

Pesquisas do campo educacional têm se dedicado com ênfase em estudar a formação dos profissionais da educação e isso permitiu um avanço nas discussões e reflexões acerca do tema, entre eles, destacamos a formação e saberes docente e o uso da reflexão como elo de teoria e prática, ponderaremos algumas dificuldades que se apresentam quando iniciamos o debate sobre a formação, reflexão-ação, teoria e prática, nesse texto trataremos do individualismo do profissional da educação, como barreira para a reflexão, em especial a coletiva.

Entendemos que a formação dos profissionais da educação não pode ser nos princípios da racionalidade técnica, na visão de alguém que sabe e ensina a quem não sabe, os saberes da profissão docente devem ir além das soluções instrumentais, que resolvem um problema pela aplicação de uma técnica. Ensinar exige troca e cumplicidade não é uma ação técnica. Campos e Pessoa (1998, p.191) ancoradas na concepção de Dewey¹, argumentam que ensinar exige, a intuição, a emoção e a paixão. Argumentam ainda que o profissional da educação em sua ação reflexiva, não pode ficar preso a uma só perspectiva, é preciso examinar criteriosamente as alternativas que a eles se apresentam como variáveis. E, ainda com base no pensamento Deweyniano diz que “a ação reflexiva integra três atitudes: abertura da mente, responsabilidade e dedicação. O profissional precisa saber que o que ele faz produz consequências”. (CAMPOS e PESSOA, 1998, p.191)

Sabendo da complexidade da educação e do ensinar e dos problemas vivenciado pelos profissionais educação, vamos discorrer um pouco sobre as necessidades de se repensar a formação. O professor Kenneth M. Zeichner, escreve sobre a necessidade da reflexão, dos professores e tem suas preocupações

¹John Dewey foi um filósofo, pedagogo e pedagogo norte-americano. É considerado o expoente máximo da escola progressiva norte-americana.

assentadas nas questões sociais e políticas. (GERALDI, MESSIAS, GUERRA, 1998, p.238) que estudaram a fundo o tema diz que “a formação só pode ser compreendida no contexto social, político, econômico e cultural, por isso a necessidade da formação profissional dos professores estar interligada a esses contextos, em consequência disso, nenhuma educação ou ensino pode ser neutro”.

Os estudos de Zeichner mostraram teoricamente em pesquisas que professores treinados não davam conta de ensinar. Para ele “a reflexão é uma das dimensões do trabalho pedagógico, mas para compreendê-lo, aqueles e aquelas que refletem precisam considerar as condições de produção desse trabalho. Daí a necessidade de vinculação com as condições sociais, políticas e econômicas. ” (GERALDI, MESSIAS, GUERRA, 1998, p.244)

É muito importante a forma como o professor percebe a sua realidade, é preciso saber e questionar as questões cotidianas e perguntar: Porque fazer? Para que fazer? E fazer para quem? Segundo o pensamento Zeichneriano o profissional da educação precisa criar rupturas, para que a realidade seja percebida, se tudo continuar como está, e sempre houver concordância, a realidade dificilmente mudará. O profissional da educação tem a responsabilidade de questionar a realidade que está inserido. Dessa forma haverá uma mudança não só da realidade do profissional, mas também da realidade do aluno. Esse perceberá que muita coisa pode ser percebida a partir outras leituras da realidade, e não aquela que aparenta ser a real.

Outro ponto sobre a prática reflexiva que Zeichner chama a atenção é para que o profissional faça a ação de modo a não individualizar suas responsabilidades, caso contrário ele trará sobrecarregando-se com responsabilidades que não lhe pertence, como já falamos anteriormente no início deste texto. Para ele quando os professores trabalham sozinhos, esses se tornam mais fracos, trabalhar em grupo na coletividade os tornará mais fortes dentro de uma instituição. Dessa forma é possível entender que a individualidade e o isolamento constituem-se em barreiras que para uma formação e prática reflexiva dos professores.

Muitas são as fragilidades do cotidiano das escolas, que não permitem que as práticas reflexivas se efetivem, neste texto destacamos o individualismo e o isolamento, cada um no seu quadrado, sem interagir com os demais. Imbernón (2009, p. 58) afirma que a escola tipo “caixa de ovos” propicia uma cultura individualista, uma cultura do isolamento. Para ele esse celularismo precisa ser

evitado, pois isso gera falta de solidariedade e uma autonomia exagerada. Esse cenário leva a práticas reflexivas individuais ou repetitivas, que não contribuem para uma mudança, essa realidade mostra que muitos profissionais não se sentem parte da escola, mesmo que diariamente esteja presente para suas atividades.

Os problemas do cotidiano escolar são carregados pelo cumprimento de horários, de conteúdo, de calendário, de preenchimento de diários, isso se torna um ritual na vida do professor, que pouco tempo lhe sobra para fazer a reflexão coletiva, a troca de saberes. Os momentos coletivos na escola passam a ser um lugar de lamentações, de críticas, porém carentes de proposições. Segundo Contreras (2002, p. 155) “Muitos professores, em virtude das características da instituição educacional e da forma pela qual nela se socializam, tendem a limitar seu universo de ação e de reflexão à sala de aula.”

A individualização e o isolamento dificultam as ações de reflexão coletiva como propõe Zeichner (apud GERALDI, MESSIAS, GUERRA, 1998, p. 251), para ele “a reflexão individual é um falso conceito de reflexão, e alerta que tal individualização de responsabilidades gera o processo de *stress* docente”. Conseqüentemente esse profissional adocece, e cada dia passa a não acreditar no seu trabalho a achar que nada será possível fazer para transformar a sua realidade, mudar o curso de sua vida e da vida de seu aluno.

Mas o que fazer para que o profissional da educação não caia nessa armadilha do individualismo do isolamento, que certamente o levará para um marasmo na profissão ou até mesmo para sua desistência de ser professor, uma vez que as condições de trabalho no Brasil são muito ruins. É necessária muita esperança e é preciso tomar rumos que lhe permitam enxergar a realidade e lutar contra todas as formas de opressão que a profissão lhe traz. Nesse sentido recomenda-se a reflexão coletiva e crítica da realidade para que o professor consiga perceber a sua situação. Para Kemmis (apud CONTRERAS, 2002. p. 163) “[...] refletir criticamente significa colocar-se no contexto de uma determinada postura diante dos problemas. Significa explorar a natureza social e histórica, tanto de nossa relação como atores nas práticas institucionalizadas da educação, quanto da relação entre nosso pensamento e ação educativa”.

Diante de toda essa complexidade é preciso que o professor assumir um compromisso crítico com a realidade, não se pode fazer de conta que a situação não existe, que o contexto social e história de vida do aluno não precisa ser considerada.

A reflexão crítica exige uma opção por parte do professor que não pode ser a do isolamento. Mas, sim a de socializar com o coletivo a sua posição em relação a realidade e o contexto que seu trabalho se desenvolve, em especial a de não se conformar com os problemas e sim questioná-los e saber os motivos que os faz existir. Para Zeichner (apud GERALDI, MESSIAS, GUERRA, 1998, p. 264)

Vivemos numa sociedade na qual as discriminações ocorrem em função de gênero, cor, raça, classe social, entre outras, é obrigação do formador e da formadora de professor colocar como preocupação central de seu programa as questões políticas e sociais, procurando levar os futuros professor e professora a pensar sobre as dimensões que afetam o seu cotidiano, a sua prática de ensino, e mostrar que podem tomar as decisões que estarão servindo para deixar as coisas como estão ou mudá-las.

Pensando nesse viés é importante dizer que será a formação permanente do professor contribuirá em grande medida para o mesmo ter uma postura crítica ou conformista sobre a realidade. Contreras (2002, p. 142) afirma que “a figura do intelectual crítico é a de um profissional que participa ativamente do esforço para descobrir o oculto, para desentranhar a origem histórica e social do que se apresenta como ‘natural’”. Para que isso ocorra será preciso esse profissional refletir sobre os problemas coletivamente, o isolamento só piorará a situação.

Para Zeichner e Liston (apud GERALDI, MESSIAS, GUERRA, 1998, p. 252) um profissional crítico e reflexivo precisa de cinco características:

- Examinam, esboçam hipóteses tentam resolver os dilemas envolvidos em suas práticas de aula;
- Estão alertas a respeito das questões e assumem os valores que levam /carregam para seu ensino;
- Estão atentos para o contexto institucional e cultural no qual ensinam;
- Tomam parte do desenvolvimento curricular e se envolvem efetivamente para sua mudança;
- Assumem responsabilidade por seu desenvolvimento profissional;
- Procuram trabalhar em grupo, pois é nesse espaço que vão se fortalecer para desenvolver seus trabalhos.

Todas essas características estão relacionadas com as ações do cotidiano do profissional da educação, sabemos que nada é fácil, porém um trabalho comprometido com a justiça social e uma educação de qualidade socialmente referenciada, perpassa pela postura profissional de cada um que está comprometido com a transformação da realidade e como consequência disso a vivência em um mundo melhor. A educação e o ensino não são tarefas neutras, ou isoladas, estão

umbilicalmente ligadas a questões políticas e tomadas de decisões. Parafraseando a canção de Caetano Veloso “cabe a cada um, saber a dor e a delícia de ser o que é.” E se posicionar coletivamente será um dos fios condutores para a melhoria e o fortalecimento da sua prática profissional.

3. Considerações finais

Pegando carona no conceito de Zeichner, entendemos que é preciso uma reflexão profunda, menos aligeirada acerca desse universo de problemas que permeia a educação, que como já falamos esse é um assunto complexo e envolve muitos outros fatores que contribuem para esse contexto. Importante não esquecer o disse Diniz-Pereira (2015, p. 144), segundo esse autor, “não será a educação, e muito menos a formação docente, as únicas capazes de transformar a sociedade”. É preciso combater as desigualdades sociais, para que tenhamos uma sociedade de fato justa, que respeite o ser humano e suas necessidades. Pensando no contexto social, político e cultural precisamos pensar uma educação e um modelo de formação pautada em epistemologias que levem em conta esses fatores. E que contribua para a construção de uma cultura coletiva nos espaços escolares e na sociedade conseqüentemente.

4. Referências

CAMPOS, Silmara de; PESSOA, Valda Inês Fontenele. **Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schon**. In: GERALDI, CorintaM. Grisolia. FIORENTINI, Dário. PEREIRA, Elisabete Monteiro de A.(orgs.). Cartografia do Trabalho Docente: professor(a) pesquisador(a). Mercado das Letras. Campinas, SP. 1998.

CONTRERAS, José, **Contradições e contrariedades: do profissional reflexivo ao intelectual crítico**. In: CONTRERAS, José. A autonomia de Professores. Cortez. 2002.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emilio. **Formação de professores, trabalho e saberes docentes**. Revista Trabalho & Educação, Belo Horizonte. V. 24, n.3, p.143-152. Set-dez. 2015.

GERALDI, Corinta M. Grisolia. MESSIAS, Maria da Glória Martins. GUERRA, Miriam Darlete Seade. **Refletindo com Zeichner: um encontro orientado por preocupações políticas, teóricas e epistemológicas**. In:GERALDI, CorintaM.

Grisolia. FIORENTINI, Dário. PEREIRA, Elisabete Monteiro de A.(orgs.). Cartografia do Trabalho Docente: professor(a) pesquisador(a). Mercado das Letras. Campinas, SP. 1998.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Permanente do professorado: novas tendências**; tradução de Sandra TabuccoValenzuela. 1ed. São Paulo: Cortez, 2009.